

O rapaz que vai habitando os livros...*

A escrava açoriana, de Pedro Almeida Maia: Rosário ou a arte do (des)encontro

Mal acabei de ler o “Prólogo” e o capítulo inaugural de *A escrava açoriana*, escrevi ao Pedro. «Delícia! A descrição impressionista do primeiro capítulo é soberba. Conseguí sentir a humidade debaixo do capote. Adoro. E a escrita: mais apurada. Estás crescido, rapaz!», confidenciei-lhe.



PAULO
MATOS

Após a leitura da primeira cena (uma descrição cinematograficamente vívida, que coloca o leitor como figurante/assistente da ação e, por isso, lhe permitirá, até à última página, uma extraordinária visão impressionista dos ambientes, dos acontecimentos e das emoções), durante um périplo laboral pelas ilhas do triângulo açoriano, sorvi o livro, palavra a palavra, sentido a sentido, sentimento atrás de sentimento. Foi tudo um turbilhão, como a saga realista que alimenta o enredo. Um realismo de geografias, de factos históricos, de fonéticas, de património sociocultural, de écfrases pictóricas e, acima de tudo disso, da universalidade das vivências das personagens, e, dentre elas, de Rosário, a protagonista da narrativa, que de rapariga ingénua se modela em mulher vigorosa, que as provações da vida não lhe deram outra hipótese.

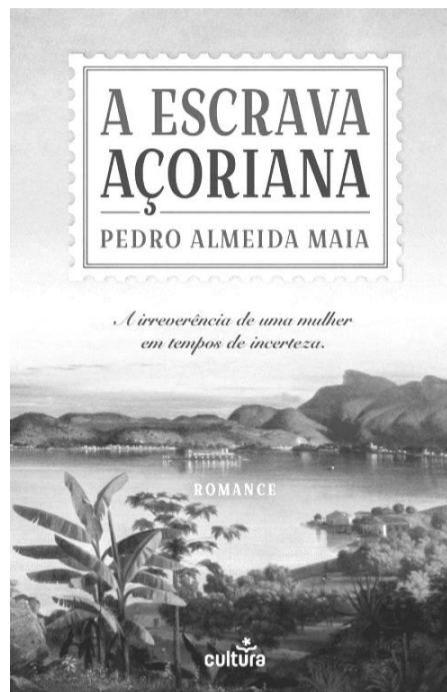
Assim que a personagem central da história é nomeada, não me saíram da mente os versos de Amália Rodrigues no seu “Foi Deus”: «Foi Deus / Que me pôs no peito / Um rosário de penas / Que vou desfiando / E choro a cantar.» Desde logo porque o nome da personagem principal é Rosário, mas, depois, porque, efetivamente, a sua vida ficou marcada por dores perenes, como se os seus sonhos fossem um qualquer pecado que devesse ser purgado por penas cruéis. E também, porque ela própria, fiel à sua fé, vai desfiando preces pelas contas do terço que traz consigo, sempre aguardando, esperançadamente, por melhores dias.

Na verdade, Rosário era uma rapariga sonhadora, romântica, fã arreigada de *Amor de Perdição*, que, movida pela necessidade, embalada pela onda da emigração açoriana no último quartel do século XIX, parte com a mãe, abandonando a sua ilha do Arcaño em busca de vida mais desafogada em terras do Brasil, uma vida de liberdade ilusória, crente da lonjura da misoginia e do peso social do patriarcado. Este é um tema recorrente na obra de Pedro Almeida Maia: a partida da ilha em busca de novos ho-

rizontes, o conhecer outros sítios e crescer com essa experiência; porque sair da ilha é viver em perspetiva, é ver a ilha de fora e concluir que, depois de se sair dela, se descobre a si mesmo, um outro que já não é aquele que ali vivia antes da partida. «A vida de um açoriano é a arte do

desencontro.» (135)

Mas Rosário nunca saíra da sua freguesia, e partir para o Brasil sem conhecer a sua ilha parece fatalmente um pecado maior, merecedor de punição. Que triste fado o de Rosário! Fechada na ilha, ignora a falsa liberdade da emigração. Isto porque os enganos serão muitos, os abusos serão imensos, as provações e os enxovalhos não terão fim. Acompanhar, passo a passo, numa narrativa claramente biográfica, a viagem/jornada de Rosário é padecer da mesma dor, dos mesmos males por que ela passou. É prolongar o infortúnio, é enfatizar a ausência de dignidade. Porque, a bem da verdade, Rosário, a escrava açoriana, representa, na senda de Fantine de *Os Miseráveis*, de Victor Hugo, a mais profunda desgraça humana. Rosário sofrerá as maiores vilezas, o impossível da desumanização: enganos nas promessas, péssimas condições de deslocação, doenças, escravatura em tempo de exploração branca (que a negra era ilegal), violações físicas e psíquicas. Farrapo humano, por diversas vezes estará sob o jugo alheio, não escapando a desmerecimentos de homens e de mulheres, portugueses, brasileiros, brancos, pretos, ricos, pobres, elegantes, anafados, finos, maltrapilhos. A desgraça é tanta que Rosário sente, por constância, a saudade da ilha, da bruma e, sobretudo, sente sempre o chamamento do milhafre, cuja memória do pio e do voo planado lhe relembra a liberdade, a autonomia, a harmonia e a paz que desconhecia ter. Rosário aprende como uma sua certa arrogância juvenil sobre essas riquezas a conduziram às ameaças da vida; aprende que a açorianidade é um labirinto contraditório, que tanto limita quanto protege. Apesar e por causa de toda esta podridão, Rosário, ao contrário de Fantine, tem o dom da sobrevivência. Mais do que fisicamente, importa o renascer interior desta rapariga/mulher-vulcão: resistente, a força da sua essência, ainda que muitas vezes soterrada em exaustão anímica, ainda que por



vezes de esperança esmorecida, pronta a ceder terreno à resignação, a sua essência, dizia eu, liberta-a para a renovação e para a asa da Fénix, forte e fortalecida pelas cinzas da dor. Sobrevida das maiores injustiças, Rosário vai fazer das tripas convicção (Cf. p. 118): faz estudos e pela Educação torna-se livre, senhora de si, insubmissa, e abraça o ativismo primordial pelos direitos das mulheres, pela sua igualdade em relação aos homens, procurando instruí-las e tendo novas vivências sociais, sexuais e sentimentais malvistas à luz da mentalidade medieval dos Açores de então (apenas?) (vide Miguel Real, “Uma saga açoriana”. In *Jornal de Letras* N.º 1351. 16).

E, “só” por isto, *A escrava açoriana* é um livro-exemplo do desrespeito dos direitos humanos por que um século antes a Revolução Francesa pugnara e por que, infelizmente, também ainda hoje lutamos, dia a dia.

Retrato ficcional da cruel realidade histórica, o mais recente romance de Pedro Almeida Maia é, assim, uma obra de temática açórica, mas simultaneamente universal, porque o exemplo local é, no fundo, global: Rosários há muitas em todo o mundo, mulheres (e homens e crianças) que são vítimas da exploração mais extrema, mais vil, mais humilhante, mais desumana. Para além da constância de aforismos esclarecedores (que aplica a diversas situações), uma das vitórias do Pedro, neste livro, é precisamente a de nos fazer sentir essa universalidade através da voz narrativa (também ela de sensi-

bilidade feminina), que nos leva a ver o que Rosário vê, que nos leva a sentir no corpo o que Rosário padece fisicamente, que nos faz outrar-nos pela capacidade de sermos Rosário na dor da desonra mais profunda que a personagem mói. Testemunho de uma cruel realidade, a que sufoca, que asfixia a essência humana, a grandiosidade deste livro é precisamente isto: *Rosário c’est Pedro; Rosário c’est moi; Rosário c’est nous tous.*

A escrava açoriana, obra dedicada pelo autor a duas mulheres (emotivamente, as suas mães) e epigrafada com dois poemas de outras duas (significativamente, Marianna Belmira de Andrade e Natália Correia) é um belíssimo relato feminista, que procura um basta contra atrocidades desmesuradamente infundadas e um efetivo ideal de justiça entre géneros: desprovidos do capote de Rosário – que, como ela, queremos sacudir a humidade pantanosa que «transformava as mulheres em fantasmas» (190) –, devemos, por essência, ferver o sangue telúrico, arregaçar mangas e fortalecer o nosso poder de, como e quando for possível, derrubar putativas humilhações e desonras, e alcançar equilíbrios sociais, com vista à dignidade de todos.

Através de frases e expressões de uma beleza estilística e conotativa sem par na sua escrita anterior, numa reedição maturada, solidificada, Pedro Almeida Maia faz de *A escrava açoriana* mote do sonho, da coragem e da autossuperação e, por tal, é um digníssimo representante de todas/todos as/os Rosário deste mundo que precisam de se reerguer. “Recomeça-se as vezes que for preciso.” (217) ♦

O rapaz que vai habitando os livros
(https://www.facebook.com/pg/paulojamatos/about/?ref=page_internal)

O rapaz que vai habitando os livros
(<https://www.instagram.com/orapazquevaihabitandooslivros/?hl=pt>)

**Inspirado no conto “O rapaz que habitava os livros”, de Valter Hugo Mãe (in Contos de Cães e Maus Lobos)*